

A COLÔMBIA

G. L. BENUCCI

Condensado pelo Major SEBASTIÃO DE CASTRO

Nos dias de hoje põe-se em dúvida, fundadamente que Cristóvão Colombo tenha sido o primeiro que, partindo da costa do continente euro-asiático, atingiu a costa do grande continente que domina o hemisfério ocidental.

Parece que, muitos séculos antes do grande navegador genovês, partindo da Europa e precisamente da hoje chamada península escandinava, os mais antigos habitantes da terra tenham tentado a grande aventura e tenham atingido a atual Terranova e talvez o Canadá. Parece ainda, que em época quase perdida na noite do tempo, se não mesmo na história, o mundo de ilhas asiáticas do Pacífico outro povo tenha alcançado a mesma meta. Por outro lado não se deve excluir a numerosíssima migração que veio tendo lugar através do estreito de Bering. De resto, a hipótese, a conjectura, se multiplicam na tentativa de desvendar um dos mistérios talvez mais fascinantes do gênero humano.

Se tudo isto é verdadeiro, resta certo e inequívoco que Cristóvão Colombo foi aquele que conquistou esta terra para a história do mundo, a descobriu para a civilização que ele representava e que era, como é, a civilização do mundo. Em tal sentido ele é seu grande descobridor; esta é sua glória. Não obstante ele não teve a ventura de dar seu próprio nome à terra que começou então a desenhar-se sobre a carta geográfica. A Terra do "Novo Mundo" veio a ser a de Américo Vesputio e não a de Colombo.

Não podemos dizer que tenha havido malícia ou maldade dos homens, uma vez que o Almirante de Isabel cuidou de ambas as expedições. Foi um jogo um pou-

co cruel da história, mas isto não altera a realidade dos fatos e ainda em princípio do século passado nenhuma terra invocava, com seu nome, o nome do grande descobridor do continente. Foi ao princípio do século passado que na cena política da América apareceu a figura de um grande soldado: Simon Bolívar. Para enquadrarmos sua figura é necessário recordar que, no novo continente, tanto os descendentes dos antigos conquistadores quanto o povo se achavam sob o influxo da colonização espanhola e se vinham formando ao conceito expresso na doutrina ainda uma vez elaborado para todos pela velha Europa. Em tal ambiente histórico Simon Bolívar pôs-se em campo para combater pela independência desta gente e deste povo ao domínio de um poder cujo centro estava do outro lado do oceano e para constituir uma nova unidade estatal no dia em que fosse libertada do domínio de Madri.

A luta não foi fácil, mas, por fim, ele conseguiu realizar o primeiro de seus intentos e de sua vitória deveu-se a independência da Venezuela, de onde ele era filho, do Equador e daquela região que então se chamava, em lembrança de uma célebre cidade da Espanha, — Nova Granada. No ímpeto do sucesso pareceu, de resto que se pudesse dar vida concreta ao plano unitário do vitorioso General, o que realmente se fez por alguns anos, pois Venezuela, Equador e Nova Granada constituíram um único Estado. Corria o ano de 1819 e nele, pela primeira vez, na revisão geopolítica da situação da América Latina que foi efetuada, o nome do grande descobridor da América

veio a ser empregado para designar uma parte da América. Simon Bolívar quiz, então, de fato, que o Estado que êle havia constituído se chamasse, em lembrança de Cristóvão Colombo, a Grande Colômbia.

Talvez, porém, isso não respondesse a uma realidade nacional, pelo menos do ponto de vista geográfico. Este fato, de algum modo, conduziu a que alguns anos depois a Gran-Colômbia não mais existisse. O primeiro a destacar-se foi a Venezuela e depois o Equador pelo que o projeto unitário do grande patriota latino-americano se fragmentou. O seu eco porém repercutiu entre os picos e vales dos Andes para permanecer vivo na realidade do nome que assumira Nova Granada.

Voltando a ser a Nova Granada, recebe inicialmente a denominação de Confederação Granadina, depois Estados Unidos de Nova Granada e por fim retoma o nome de Colômbia e então denominando-se República da Colômbia.

O QUARTO ESTADO DA AMÉRICA LATINA

Em 1903 viu diminuir seu território quando a província do Panamá, que lhe era parte integrante, proclamou sua independência sob a proteção dos Estados Unidos. Era a época em que, no plano internacional, se destacava o problema da segurança do corte cujo canal devia ligar o Atlântico com o Pacífico.

Não obstante a nova perda, a Colômbia permanece, pela vastidão de seu território — 1.238.000 km² —, o terceiro Estado da América Meridional e o quarto da América Latina. Segue-se ao Brasil, à Argentina e ao México. Limita-se ao norte com o Panamá e o Oceano Atlântico, a oeste com o Oceano Pacífico, ao sul com o Equador e o Peru e a este com o Brasil e Venezuela.

A propósito de seus limites deve-se destacar em particular, a posição geográfica que êste Estado assume na comunidade latino-americana: o destaque é o de que a Colômbia

é o único Estado da América Meridional que se limita tanto com o Oceano Pacífico como com o Atlântico. Apresenta com o primeiro 1.760 km de costa e com o segundo 1.470 km.

Isto aumenta a importância estratégica da Colômbia que ocupa uma posição chave com relação aos outros Estados que com ela se limitam pelo que é sempre atual um projeto corrente de ligar os oceanos Atlântico e Pacífico por um novo canal construído em território Colombiano. Esse alcançaria o Pacífico partindo do porto de Turbo que se localiza no Golfo de Urabo, no mar do Caribe. Teria mais do dobro de comprimento do canal do Panamá, mas seria o dobro em largura e, sobretudo, um canal ao nível e não como o do Panamá que, — como é sabido —, é um canal de comportas.

Trata-se, tornamos a precisar, de um projeto cuja possibilidade de realização é ligada a uma tal soma de interesses diversos e contrastantes que não permitem, no atual estado de coisas, dizer se será ou não realizado. Mas mesmo como projeto tem um valor indicativo de particular interesse, especialmente num País no qual parece que a natureza, há séculos, está em guerra com as vias de comunicações, a menos que não se considere os rios navegáveis num total de 5.000 km. E um rio, o Madalena, que se estende por 1.538 km, dos quais 1.295 navegáveis, é, com efeito, a principal artéria do País. Assim mesmo, neste caso, a Natureza colocou uma espécie de diafragma: os rápidos de Honda que dividem o rio em dois troncos distintos.

Por outro lado, só nos últimos anos a rede ferroviária alcançou uma extensão de 5.000 km, uma cifra irrisória, seja no sentido absoluto seja no relativo, especialmente se si tem em conta que a estrada de rodagem alcançou um desenvolvimento de apenas 30.000 km. É um dado real motivo pelo qual a verdadeira via de comunicação na Colômbia terminou por ser, essencialmente a área, a respeito da qual a Colômbia, de resto, mantém a primazia. Seu plano

atual é o de possuir a rede de aeroportos mais completa do mundo; sua base histórica é a de ter inaugurado a primeira linha aérea regular do mundo, instituída em 1919.

REGIÕES GEOGRÁFICAS E CONTRASTES

Sem dúvida a causa dessa insuficiência das vias de comunicações terrestres vai recair ainda na administração pública, nem sempre iluminada, por parte dos governos que até passado recente vinham-se sucedendo na Colômbia, mas é necessário não esquecer a natureza morfológica desse território. O País é atravessado de norte a sul pela Cordilheira dos Andes, um ramo da qual se prolonga pela América Central e do que resulta a divisão do território colombiano em 3 regiões geográficas principais. Temos assim a região montanhosa de oeste alcançando muitas vezes mais de 5.000 metros acima do nível do mar; a região baixa do norte fechada entre dois maciços montanhosos e, em seguida, o oriente deserto e tórrido que constitui cerca da metade da Colômbia. Ligar estas diversas regiões, superar a barreira das 3 cadeias de montanhas que as formam é uma obra gigantesca que somente pode ser concluída pelo empenho de gerações e com uma disponibilidade que não é apenas a de talento e de homens, mas antes de capital. E por hora este capital não é bastante ou, pelo menos, não é o bastante em quantidade para enfrentar o problema em sua totalidade.

A realidade geográfica indica, dentro de uma prioridade, este problema, que, todavia, foi considerado também do ponto de vista da variedade de climas e de paisagem que criam um elemento de importância fundamental — a variedade dos grupos étnicos os quais se têm conservado em coexistência. Não se pode negar que a Colômbia goza a fama de ser o País dos mais puros e folclóricos contrastes que se vêm de resto multiplicando talvez em vista da fusão de um amanhã. De fato, não é só o contraste que naturalmente

oferece um País que da região baixa "calientes" da abrazada costa, sobe, por amplo vale, à alturas nevadas, numa seqüência de montanhas. Aí estão, também, os contrastes desta moldura natural com aqueles que os homens souberam nela inscrever, com a cidade onde vivem e onde, ainda, a lembrança da história que lhes foi transmitida pela velha Espanha palpita no confronto com a expressão que a este centro urbano conferiu, dia por dia, a jovem América.

Fato de notável interesse é que não se trata de contraste estéril, de mera oposição que se exaure nêles próprios. O prova o nome de "Atenas da América do Sul" com o qual se costuma indicar a capital da Colômbia, Bogotá. É uma Atenas que ostenta, ao invés do Partenon, edifícios como aqueles dos Estados Unidos; que enumera, ao invés do Eraclión, imensos palácios de fachadas racionalíssimas de se ver, mas que é sempre uma Atenas no significado simbólico do nome da antiga cidade grega no que nêle há na história do pensamento e da arte. Assim se vem a determinar uma realidade nova que se irradia sobre o futuro da República da Colômbia, talvez a predestinar-lhe o amanhã não mais geográfico, mas histórico, no mundo que ela constituiu, fazendo de nó essencial entre a Venezuela, o Peru e o Equador, um mundo no mundo da América Latina.

A perspectiva, de resto, avulta com a consideração de que a Colômbia, aos valores geográficos e aos do espírito, acrescenta, coeficiente muita vez determinante, os valores materiais, isto é, econômicos, à base dos quais se calcula, na realidade, a riqueza e a importância de uma nação.

PERSPECTIVA ECONÔMICA

Com precisão a economia colombiana é ainda hoje fundada essencialmente na agricultura, numa situação de fato pela qual muitas vezes a principal razão de sua produtividade se acha na fertilidade do solo, em algumas zonas verdadeiramente excepcional. Por outro

lado a variedade de climas permite acrescentar à produção agrícola específica da zona tropical aquela que é própria da zona temperada. Na baixada oriental e ao largo da costa — não levando em conta as não exploradas, mas ricas florestas — se desenvolve com notável proveito o cultivo do cacau, do fumo, e do algodão e se estendem grandes bananais: a Colômbia é, de fato, um dos mais fortes produtores e exportadores de banana.

Entre os 600 a 1.800 metros acima do nível do mar a cultura predominante é, ao contrário, a do café, café de uma qualidade particular — denominada "Suave" — que os de bom gosto definiram como o melhor do mundo. E, com efeito, a Colômbia, vindo a notável distância do Brasil, é o segundo produtor mundial de café. Na exportação de café canalizada quase toda para os Estados Unidos, o País encontra as divisas estimadas necessárias ao difícil equilíbrio de sua balança comercial. A esta mesma altitude porém, agora se está desenvolvendo cada vez mais o cultivo da cana de açúcar e se inicia o do algodão. Acima dos 1.800 metros se inicia por fim e se afirma o cultivo de cereais e dos gêneros de produtos da zona temperada.

Numa escala paralela a dos recursos agrícolas, se pode também avaliar o patrimônio zootécnico do País, concentrado sobretudo nos pendentes da cordilheira e na imensa planura do este. São grandes manadas de bovinos e de ovinos, porém são ainda os cavalos, os assinos e mulas aqueles a cujo valor econômico deve ser aliado, além de tudo, o problema das vias de comunicações e dos transportes dos quais se fez notícia: Frequentemente, nas condições descritas, quando o problema não pode ser resolvido pelos meios aéreos não se encontra outra solução a não ser nos animais de carga. O potencial agrícola do País e a realidade de sua economia atual, todavia, não podem fazer sombra aos seus recursos minerais.

Pode-se começar a enumeração com os metais preciosos, aqueles

dos quais, de resto, apareceram com os conquistadores e exploradores espanhóis: o ouro e a prata que aqui vem extraída como subproduto do ouro. Por isto a Colômbia é o primeiro produtor da América Latina, e o nono produtor mundial. Mas deve-se acrescentar ainda a platina, dado que na lista mundial dos Países que a produzem, a Colômbia vem no quarto posto. E para completar este quadro específico não se deve esquecer que somente aqui se encontram as esmeraldas ou, pelo menos, somente aqui se acham esmeraldas tão belas.

A enumeração assim iniciada continua porém com outras riquezas minerais que, se não excitam, como as anteriores, a fantasia, têm um valor de mercado nem por isso secundário. Vem, então, em primeiro lugar, o petróleo que começou a ser extraído dos poços colombianos a partir de 1921. Obtem-se já uma produção que anda por volta de 8 milhões de toneladas anuais, mas que se deve calcular em função das possibilidades futuras. E estas são apresentadas pelas reservas do precioso óleo mineral na parte oriental do País, ainda inexploradas, porém já avaliadas com precisão.

Depois do petróleo vem o ferro. As jazidas descobertas até hoje estão situadas em Paz del Rio, ao norte de Bogotá e, ao que parece, estão entre as mais ricas do mundo. Não é verdadeiramente o ferro uma prerrogativa da Colômbia no confronto com outros Países da América Latina. Torna-se tal pelo destaque do fato de que nesta mesma zona se acham ainda importantes jazidas de carvão e a união do ferro e do carvão promete o desenvolvimento de uma indústria siderúrgica em condições econômicas particularmente favoráveis.

E a enumeração dos recursos minerais colombianos continua, cobre, zinco, chumbo, estanho, manganês, cromo, mercúrio... Na realidade a Cordilheira dos Andes esconde inumeráveis veios internos que encerram riquezas consideráveis que esperam somente ser explorados.

Com uma tal situação econômica, não obstante seja, por hora, sobretudo potencial, é fácil prever qual poderá ser o futuro da Colômbia. O difícil é unicamente prever quando poderá realizar este seu futuro.

PROBLEMAS SOCIAIS E POLÍTICOS

Sob este aspecto o problema é, acima de tudo, social e político. Na realidade a Colômbia é um dos poucos Estados da América Latina que não é atormentado pela reforma agrária. Pais, como temos acentuado, com uma economia essencialmente agrícola a propriedade aí resulta suficientemente dividida e difusa. Isto, todavia, não impede que a maioria de seus cidadãos tenha um rendimento anual muito baixo e um nível de vida assaz longe daquele que, na moderna concepção, se compreende como o mínimo auspicioso.

A baixa ocupação, também na agricultura — pelo menos conduzida com meios e métodos tradicionais e ineficazes — é disseminada proporcionalmente; é raríssima a qualificação técnica ou profissional. De resto, embora Bogotá seja chamada "A Atenas da América do Sul" a média de alfabetos ascende aos 50%.

A composição étnica da Colômbia não facilita a solução do problema que este quadro apresenta. Não se trata da composição racial no seu conjunto.

Segundo a média e a percentualidade a população colombiana, que sobe a cerca de 13 milhões e meio de almas, é formada por uns 20 por cento de brancos, uns 57 por

cento de mestiços; por uns 14 por cento de mulatos; o resto é representado por negros, ameríndios e zambos. Porém, na prática, na Colômbia se contam pelo menos 14 regiões diversas de povoamento que determinam, no seu entrelaçamento, situações outro tanto diversas e as quais se deve levar em conta.

Sobre esta base econômica, social e étnica, a vida política colombiana se assenta no jôgo e na contraposição de dois grandes partidos: o Liberal é o Conservador. Na luta surgida de tal contraposição não faltam as aventuras ditatoriais, os golpes de estado e a intervenção, na vida política, da força armada.

O que é de destacar, todavia, é que se não faltam momentos excepcionais e episódios também altamente dramáticos, no confronto com outros Países da América Latina, a Colômbia aparece, a esse respeito, não muito freqüentemente na crônica internacional. Pelo contrário, terminado um episódio muito agitado, acontecido em 1948, a Colômbia conquistou a fama de tranqüilidade interna excepcional.

Hoje, os dois partidos citados chegaram a um compromisso e estão empenhados em unir seus esforços para uma afirmação que não deve ser de um deles, mas de toda a Colômbia.

Talvez é o índice de que, na terra dos mais nítidos e folclóricos contrastes, está-se chegando à harmonia da força humana, o caminho para que se realize as grandes possibilidades que o País possui, para definir o futuro que estas lhe prometem.

* * *

2º RC — SÃO BORJA

Acabamos de receber a inscrição de mais 27 assinantes.

Felicitemos a nosso representante e aos companheiros do 2º RC.